

MARIÁPOLIS, UM LABORATÓRIO DE FRATERNIDADE

Maria Eugénia Roquette



As Mariápolis são sempre momentos marcantes, nestes 50 anos de presença do Movimento dos Focolares em Portugal.

Conhecida como o encontro mais característico do Movimento dos Focolares, a Mariápolis reúne, durante alguns dias, pessoas de todas as idades, proveniências, culturas, condições sociais, num laboratório de fraternidade, segundo os valores universais do Evangelho. Trata-se de uma experiência que teve início em 1949, quando

Chiara Lubich com um pequeno grupo de amigos foi passar uns dias de férias nas montanhas, vivendo intensamente a Palavra de Deus. Foi tão fascinante que se quis repetir nos anos seguintes, cada vez com mais participantes. Em 1959 passaram pela Mariápolis – que durava os 3 meses de Verão – cerca de 12 mil pessoas, de 27 países dos vários continentes. Em 1960 ultrapas-

sou as fronteiras de Itália e foi na Mariápolis de Friburgo, na Suíça, que Chiara Lubich, ao falar a um grupo de pessoas de diferentes nações, aplicou a lei evangélica às relações internacionais, propondo um desafio: «amar a pátria do outro como a nossa». Atualmente as Mariápolis decorrem no mundo inteiro, com programas muito diversificados: momentos de reflexão, mesas-redondas, workshops, passeios, espetáculos, grupos de trabalho, etc.

No passado mês de abril, a Mariápolis de Roma teve a enorme alegria da presença do Papa Francisco. Na sua impressão final, o Papa disse: «Ouvindo-vos falar, lembrei-me de duas imagens: o deserto e a floresta. (...) Vocês transformam desertos em florestas! (...) E como é que isto se faz? Simplesmente com a consciência de que todos temos algo em comum, todos somos humanos. E com esta humanidade aproximamo-nos para trabalhar juntos. "Mas eu sou desta religião, daquela...". Não importa! Vamos todos em frente, para trabalhar juntos. É preciso respeitar-se, respeitar-se! E assim veremos este milagre: o milagre de um deserto que se transforma em floresta». Em Portugal, a primeira Mariápolis

realizou-se em Fátima, em outubro de 1966, poucos meses depois da chegada do Movimento. De facto, a intenção era participar na Mariápolis que se iria realizar em Espanha, mas um grupo de 40 rapazes foi proibido pela PIDE de sair do País. Eram os tempos da guerra colonial. Chiara Lubich, ao saber do sucedido, sugeriu que se fizesse uma Mariápolis em Portugal. Conta um destes rapazes: «A notícia da Mariápolis em Fátima foi uma festa... espetacular... a minha casa foi a tipografia... uma experiência realmente vivida».

Outras impressões:

«Apareceu uma equipa da Emissora Nacional que, sem pedir licença, instalou toda a aparelhagem necessária para gravar na íntegra o que se passaria naquela manhã. Ninguém ousou pedir explicações, aliás, ficámos muito satisfeitos ao pensar na linda meditação – a história do Ideal da Unidade – que aqueles agentes da polícia secreta iriam ouvir...»;

«... Senti algo de novo que nos animava, que nos dava a vontade de viver que não tínhamos, visto o futuro estar sempre cortado pela opressão da guerra, pela opressão da polícia...»;

«... Eu fui para estar um dia, para ir a Fátima fazer a vontade à minha mãe... Vi que aquela malta vivia aquilo que dizia e eu nunca tinha visto isso... não me vim embora».

A partir desse ano, com grande entusiasmo, as Mariápolis continuaram a realizar-se em Fátima, Évora, Açores, Faro, Aveiro, Braga, Gouveia, Coimbra, Viseu, Funchal, Torres Novas, Alcobaca. Os frutos da Mariápolis resumem-se em poucas palavras que

exprimem a sua essência: «Era conhecida como a filha número x da família y. Aqui sou conhecida pelo meu nome»; «... Do que contámos quando regressámos a casa e da maneira como começámos a atuar, o meu pai começou a ver: "Alto lá, isto aqui tem qualquer coisa"... e a partir daí tudo mudou. Foi uma vida que atingiu a nossa família»; «... Durante estes dias a bateria do meu *smartphone* durou 3 dias... percebem o que é que quer dizer?»; «Encontrei-me com o que de mais sublime existe na Humanidade, com um amor invencível que sacia completamente e dá a capacidade de reconhecer a beleza e a grandeza de cada pessoa, quem quer que ela seja. Sinto-me leve, livre e feliz»; «Um encontro inesperado com Deus»; «Sair da zona de conforto para lutar pela felicidade dos outros, o perdão!»; «Devolveu-me a vontade de sorrir...»; «Se Deus é o Sol e cada um deve seguir o seu raio de Sol, a Mariápolis funciona como um painel solar que carrega e distribui energia...»; «Nestes dias preenchi um vazio interior»; «Aqui encontrei um Deus próximo, que pode entrar na minha vida se eu o permitir... abriu-se um novo horizonte na minha vida: o Amor pode mudar o mundo! Eu pude experimentá-lo».

Ao longo do tempo, tem sido especialmente numerosa e viva a participação das novas gerações nas Mariápolis. Elas constituíram um percurso de formação para



muitos que hoje, já adultos, trabalham nos diferentes círculos da sociedade, com a vontade firme de transformar o deserto que os circunda em floresta. Este ano, a Mariápolis será em Ponta Delgada, nos Açores, de 28 a 31 de julho. Pode obter mais informações em: <http://focolares.pt/mariapolis-2016--acores/>. ●